

Estes três candidatos falam de economia

Cerca de 500 empresários de Santa Catarina ouviram ontem, na sede da Federação das Indústrias do Estado, três candidatos à sucessão — Mário Covas, do PSDB, Paulo Maluf, do PDS, e Roberto Freire, do PCB — exporem sua estratégia para levar o País à retomada do desenvolvimento. Era para ter sido um debate. Esvaziado pela ausência de Leonel Brizola, do PDT, que alegou “motivo de força maior” para cancelar sua viagem a Florianópolis, o encontro acabou se transformando numa longa exposição de idéias dos candidatos sobre economia.

Os três candidatos, contudo, demonstraram que têm alguns pontos em comum na forma de encarar a crise econômica e mesmo nas soluções. Os três falaram em privatização das estatais e concordaram em que é impossível levar o País à retomada do crescimento sem equacionar o problema da dívida externa e da interna.

Mário Covas teve o cuidado de

mostrar sempre que suas idéias para a solução da crise econômica e de qualquer outro problema estão colocadas de forma clara no programa do partido. “O PSDB defende uma solução política para a dívida externa. Em vez de negociarmos com banqueiros, temos que negociar com as nações credoras”, disse Covas. “Lotes da dívida brasileira estão sendo adquiridos no mercado secundário a 30% de seu valor. Então, é simples: temos que pagar pela dívida o que ela realmente vale. O cálculo está explícito no mercado secundário.”

Roberto Freire disse que é preciso criar as condições para o Estado e a iniciativa privada voltarem a investir. Defendeu a suspensão do pagamento da dívida externa e a sua posterior renegociação: “Temos que insistir na tese de que a ONU deve ser o fórum privilegiado para discussão da dívida”. Para Freire, será possível ao futuro presidente estabelecer um pacto interno entre todas as partes

interessadas para equacionar o problema da dívida interna. “Temos que privatizar certas empresas estatais, parar com essa história de o governo alimentar a ciranda financeira com o financiamento do déficit público.”

O déficit público foi também o alvo das preocupações de Maluf. Ele comparou o governo a um caixal d'água com um cano de quatro polegadas de entrada e outro de oito polegadas de saída. “O governo não pode gastar mais do que arrecada”, afirmou, demonstrando que deverá repetir a estratégia de outras campanhas, quando passou a idéia de que os problemas que afetam a população só podem ser resolvidos com austeridade, autoridade e competência administrativa. Os aplausos mais entusiasmados foram reservados para Mário Covas, especialmente quando defendeu que é preciso também “desprivatizar” o Estado brasileiro no sentido de eliminar subsídios e privilégios cartoriais.